

RETRATOS DA INFÂNCIA NA
POESIA BRASILEIRA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUIA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Marcia Cristina Silva

RETRATOS DA INFÂNCIA
NA POESIA BRASILEIRA

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Si38r	Silva, Marcia Cristina Retratos da infância na poesia brasileira / Marcia Cristina Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
	1. Poesia brasileira – Crítica e interpretação. 2. Infância. 3. Memória. I. Título
	CDD - B869.15 - 372.21 ISBN 978-85-268-1375-5 - 155.413

Copyright © by Marcia Cristina Silva
Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para todos aqueles que guardam da infância a
lembrança de um jogo de amarelinha: único jeito
de chegar ao céu com todas as pedras no caminho.*

AGRADECIMENTOS

Aos amigos e poetas Antonio Carlos Secchin e Suzana Vargas, que me ensinaram a alquimia de transformar pedra em poesia.

SUMÁRIO

Prefácio.....	11
Apresentação.....	15
Introdução.....	17
1. O jardim assombrado de Casimiro de Abreu.....	21
1. Carte de visite: <i>A primeira voz da orquestra</i>	21
2. <i>3x4 de identidade: A dupla face</i>	25
3. <i>Álbum de família: Achados e perdidos</i>	30
4. <i>Instantâneos: Caça às borboletas</i>	39
5. <i>Inventário virtual: A infância velada</i>	44
2. Olavo Bilac e a “boneca” despedaçada.....	53
1. Carte de visite: <i>Fadas e feitiçeras adormecidas</i>	53
2. <i>3x4 de identidade: A infância fora de foco</i>	57
3. <i>Álbum de família: Ausências na sala de estar</i>	67
4. <i>Instantâneos: Olhares transversais</i>	74
5. <i>Inventário virtual: Olavo Bilac e a “boneca” despedaçada...</i>	79
3. Manuel Bandeira nos abrigos do desencanto.....	83
1. Carte de visite: <i>O amigo do rei</i>	83
2. <i>3x4 de identidade: A infância</i> “entre a realidade e a imagem”.....	90

3. <i>Álbum de família: A última peça do jogo</i>	94
4. <i>Instantâneos: Nos abrigos do desencanto</i>	101
5. <i>Inventário virtual: Um tempo de flores</i>	107
4. Cecília Meireles em: A descoberta do amor imperfeito	115
1. <i>Carte de visite: O “menino santo”</i>	115
2. <i>3x4 de identidade: Entre o céu e o chão</i>	119
3. <i>Álbum de família: Sozinha em meio à escuridão do mar</i>	121
4. <i>Instantâneos: A descoberta do amor imperfeito</i>	127
5. <i>Inventário virtual: Um legado de perguntas</i>	132
5. A infância de corpo inteiro na poesia de Carlos Drummond de Andrade	139
1. <i>Carte de visite: A “incorpórea face”</i>	139
2. <i>3x4 de identidade: Revelações a partir de negativos</i>	146
3. <i>Álbum de família: Encontros e desencontros</i>	149
4. <i>Instantâneos: Flagrantes de uma criança perdida no tempo</i>	156
5. <i>Inventário virtual: A infância de corpo inteiro</i>	162
6. Mario Quintana: O filho ingrato	167
1. <i>Carte de visite: O menino e o monstro</i>	167
2. <i>3x4 de identidade: O filho ingrato</i>	170
3. <i>Álbum de família: Imagens sobrepostas e colagens</i>	175
4. <i>Instantâneos: Recortes fora do tempo e do espaço</i>	183
5. <i>Inventário virtual: Mural de infâncias</i>	187
7. O rosto oculto na poesia de Manoel de Barros	191
1. <i>Carte de visite: Visões sobre o nada</i>	191
2. <i>3x4 de identidade: Suspeita de falsificações</i>	197
3. <i>Álbum de família: O mundo mudo</i>	200
4. <i>Instantâneos: Múltiplas infâncias</i>	209
5. <i>Inventário virtual: O rosto oculto</i>	216
8. Através dos olhos de Adélia	225
Referências bibliográficas	241

Prefácio

CARTA A UMA GRANDE LEITORA, À QUERIDA MARCIA CRISTINA

Jorge Luis Borges, em algumas das suas famosas entrevistas, orgulhava-se mais dos livros que havia lido do que daqueles que escreveu. Foi com essa lembrança essencial que comecei a ler *Retratos da infância na poesia brasileira*, Tese de Doutorado defendida na UFRJ, agora transformada neste belo livro que você carinhosamente me deu a alegria e a honra de prefaciá-lo.

Uma das dificuldades que surgiram, quando comecei finalmente a escrever, foi o tipo de classificação que daria a seu livro: Tese de Doutorado sobre as imagens da infância na poesia brasileira? Biografias poéticas? Crônicas filosóficas sobre a obra de sete grandes poetas brasileiros? Leituras poéticas da infância? Todos esses rótulos me pareceram e parecem pobres, quando releio quaisquer dos textos aqui apresentados à maneira de uma, parece-me, poética da leitura que todo bom professor de literatura, crítico ou poeta, e, portanto, amante da poesia deveria ler.

E digo isso pensando no fato de quase não dispormos no mercado – nem dentro da universidade – de textos que iluminem o fazer poético e as relações substanciais da poesia com a arte e a vida de forma sensível, lúcida. Tais referências,

sempre que utilizadas por você, estão longe de ser meras citações inócuas (muitas vezes apenas ilustrando possíveis leituras ou representando o *discurso da cultura* de quem escreve), como lamentavelmente costuma acontecer nos textos acadêmicos. Nada disso acontece aqui.

Ao utilizar sua *câmera fotográfica especial* e com ela construir uma espécie de álbum de retratos, para configurar infâncias e revelá-las através da poesia que cada autor produziu – de Casimiro de Abreu a Bilac, dignos representantes do século XIX, passando por Bandeira, Cecília Meireles ou Drummond, na primeira metade do século XX, até chegar aos seus contemporâneos Mario Quintana, Manoel de Barros e Adélia Prado –, você comprou o grande desafio não somente de pensar a construção dessa infância, partindo *até* da biografia de cada um, mas assumiu igualmente o risco de adensar um discurso, uma fala muito em falta, quando se lê, ensina ou pensa a poesia.

E que fala seria essa? A de nos aproximar criativa, amorosa e filosoficamente de um conceito menos técnico e mais existencial do fazer poético, ao mesmo tempo em que acompanha uma espécie de história da educação infantil ao longo de mais de um século. A infância protagoniza sua análise, enquanto estende seus significados na decifração de uma vida e do próprio gênero literário, para além de valores estéticos.

O que é poesia? Para que serve a poesia? Por que escrevem os poetas? Para quem criam os artistas? São as perguntas que estão por trás de todos os seus ensaios aqui reunidos, enfiados num objetivo maior: pensar a linguagem poética em suas *nuances* mais inusitadas porque verdadeiras.

Como grande leitora que é e fotógrafa intuitiva, você, Marcia, tenta respostas possíveis, indo desde um profundo estudo linguístico e estilístico (que inclui brevemente a bio-

grafia de cada autor) até a decifração da poesia como elemento espiritual e condição *sine qua non* da existência humana. Como, aliás, você conclui brilhantemente: “Afinal, o livro não trata da infância dos poetas, mas da possibilidade de um constante renascer de todos nós através da arte”.

O fato é que estamos diante de sete ensaios, unidos ou reunidos sob a égide do poema, cuja característica basilar é possuir uma linguagem que se dirige a todos e a cada um em particular. Linguagem que aponta para o constante mover-se do mundo ou, como você também nos diz em uma de suas muitas reflexões, “estar vivo é aceitar morrer a cada instante”, referindo-se, nesse caso, a Manuel Bandeira, que – descobrimos através desta leitura – foi um dos primeiros poetas a incluir a infância pobre e solitária como *leitmotiv* de seus poemas. Diferentemente de Casimiro de Abreu, de infância aparentemente abastada e feliz em meio a amores, sonhos e flores. Ou do educativo (ou moralista?) Bilac, contrastando com Manoel de Barros e seu olhar inaugural para a vida através da linguagem.

Enfim, querida Marcia, seu livro não só descobre essas poéticas para nós, mas nos faz descobrir *em você* uma grande leitora, que, afinal, é o título máximo a que todos nós, doutores ou não em literatura, teríamos a quase obrigação de aspirar. E é acompanhada por gente que escreve para ser lida e entendida: poetas do ensaio e da crítica, como Gaston Bachelard, Davi Arrigucci, Roland Barthes, Octavio Paz e outros, cuja inserção nunca está em seus ensaios sem o propósito maior de alargar os horizontes de nossa leitura, tornando-a límpida, possibilitando-nos navegar em suas águas profundas.

Retratos da infância na poesia brasileira já nasce como um livro necessário, como um clássico para educadores. Minha

esperança é de que ele possa alcançar muito mais pessoas, para que a poesia, tão marginalizada, tão maltratada muitas vezes na escola e mesmo na universidade (onde se resume a análises técnicas, quando alguém se arrisca a estudá-la), ganhe mais leitores, alcançando assim um espaço mais privilegiado no mercado editorial e no coração de todos.

Suzana Vargas

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado da minha tese apresentada na UFRJ, em 2012, sob orientação do poeta, crítico e professor Antonio Carlos Secchin. Além de ser fruto de uma intensa pesquisa e de uma acurada seleção de poemas que versam sobre a infância, a obra é também consequência de um estudo crítico que tem como base a criatividade.

Tudo começou com o poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade. Ao perceber nele tantas possibilidades de construção de identidades para reinventar a solidão, entendi que gostaria de encontrar um meio de recriar ausências e faltas comuns a todos nós. Afinal é através do vazio que se constitui a poesia. Assim, as infâncias foram sendo configuradas durante a análise dos poemas. Cada poeta, entre eles Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Manoel de Barros e Adélia Prado, constituía um universo diferente, no qual eu adentrava como uma estrangeira, tentando decifrar uma linguagem singular, conhecer um mundo estranho e revelar os retratos da infância por detrás dos versos. Isto sem dúvida foi o mais difícil: aprender a língua do poeta,

mais uma vez girar em torno do nada, para então só depois poder realizar as imagens.

O livro tem como fio condutor uma infância romântica desconstruída, que deixa de ser mera representação do passado, para ser reinventada pelos poetas modernistas. O grande desafio foi construir as diferenças entre as infâncias a partir de Manuel Bandeira, pois, caso contrário, o trabalho perderia todo sentido. Por que tratar de várias infâncias, para evidenciar sempre a mesma coisa: a recriação de um tempo perdido? Mais importante que isso, tornou-se destacar o diferencial dos poetas, como cada um recria a infância e como essas infâncias dialogam entre si e ganham uma nova identidade no leitor. O diálogo então se tornou a questão mais importante no livro. Diálogo entre os poemas, entre literatura e crítica, entre poetas e leitores, entre o real e a imaginação, entre poesia e vida. É também através do diálogo entre a tradição e a modernidade que surge nos poemas uma nova identidade, na qual nos reconhecemos ainda que diante de uma imagem distorcida.

INTRODUÇÃO

Os ensaios aqui apresentados tratam de revelações. Utilizo uma câmera fotográfica especial, capaz de avançar e retroceder no tempo com palavras, a fim de transformar o leitor na figura principal dos retratos. Assim, o livro está organizado na forma de um acervo fotográfico. Os capítulos aparecem subdivididos em cinco partes:

- 1) *Carte de visite*: trata de uma apresentação do poeta e do tema dentro do contexto literário da época, porém sem pretender, com isso, estabelecer relações diretas de causa e efeito, reduzindo a importância da obra. O que se deseja é reconhecer a infância dentro do momento em que foi produzida: os padrões morais, normas de comportamento, ideal de vida, preconceitos, apresentados desde a criação literária romântica à criação literária de nossos dias. Contudo, não há intenção de julgar valores ou estabelecer qualquer comparação em nível qualitativo entre o trabalho dos poetas, uma vez que cada poema é único e apresenta algo novo.
- 2) *3x4 de identidade*: transforma a infância numa personagem central, a ser estudada dentro de cada universo poé-

tico. É o início de uma investigação, da procura por uma identidade pela qual a personagem “criança” inventada pelo poeta será posteriormente reconhecida e se tornará protagonista de sua trajetória.

- 3) **Álbum de família:** destina-se a revelar a construção da infância a partir do aproveitamento de dados biográficos unidos à imaginação. Assim como não é possível reduzir os poemas aos valores da época em que foram criados, também não há como simplificá-los, buscando explicações na biografia do criador. O que se pretende é estabelecer possíveis correspondências entre vida e obra com o intuito de alargar a compreensão crítica, e não simplesmente limitar o poema, relacionando-o às experiências do autor.
- 4) **Instantâneos:** visa destacar a criação literária como um momento único, em que a escolha das palavras reinventa seus possíveis significados, nomeando o que por vezes é quase indizível. Através de um aprofundamento no estudo da linguagem, podemos observar mais de perto o que as palavras ocultam, e assim nos aproximar da infância e revelar outras partes de sua face.
- 5) **Inventário virtual:** revela o legado do criador, relacionando-o com o dos demais. O intuito é compor um mural de infâncias, destacando a herança de cada poeta, semelhanças e contrastes com as infâncias retratadas ao longo do livro. É um registro que vai muito além do intelecto, pois se baseia na sabedoria intuitiva que se constitui a partir da literatura. O mural certamente seria diferente, se outros poemas, muitos até selecionados, encontrassem o seu lugar em meio às ideias apresentadas em cada capítulo. Mas a escolha dos poemas não foi por acaso; depois de uma prévia seleção, alguns exigiram estar presentes, outros não.

A conclusão se dá através da análise de alguns poemas de Adélia Prado, para enfatizar que os poetas se interligam pela presença constante da falta e que um olhar alheio também apresenta algo em comum com o universo retratado. Por isso, optei por uma conclusão atípica, que, em vez de resumir, se insere nos mistérios que envolvem a poesia, na construção última do poeta como um sujeito de face indeterminada.

Não conseguiria me aproximar dos poetas através de conceitos genéricos e universalizantes. Acredito que a poesia seja a busca pelo inverso. Certa intimidade é necessária para adentrar mundos desconhecidos. Assim, considere escrever o livro na primeira pessoa do singular, contudo a voz na primeira pessoa do plural se impôs como convite ao leitor a visitar o acervo e descobrir a precariedade em traços já definidos, a escuridão por debaixo do aparente brilho e um novo modo de revelar o mundo, mesmo que seja por detrás das cores, como lembra Proust em *O tempo redescoberto*:

Mas, para voltar a mim, pensava mais modestamente em meu livro, e seria inexato que me preocupavam os que o leriam, os meus leitores. Porque, como já demonstrei, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem.¹

Foi necessária a utilização dessa voz neutra, para conduzir o leitor ao encontro consigo mesmo. Afinal, o livro não trata da infância dos poetas, mas da possibilidade de um constante renascer de todos nós através da arte. Somente rompendo

¹ Proust, 2004, p. 280.

com os limites da lógica, do real, através da imaginação, é possível enquadrar passado, presente e futuro entrelaçados no mesmo instante. Por isso a questão do tempo, juntamente com a da morte e da criação, aparecem de forma recorrente nos ensaios, pois a poesia está sempre apresentando um novo mundo, em que tudo se encontra num incessante processo de recomeço, redescoberta. O poeta busca ultrapassar a própria morte, exaltando um tempo de eternidade. A infância seria, então, construída pelo poeta, pelo crítico e pelo leitor em cada poema, e não apenas como memória de um tempo acabado, ou como reflexo de um único ponto de vista. Logo, não há somente uma infância a ser retratada, mas, sim, múltiplas infâncias de um “eu” oculto e eterno.